



DOI: 10.14295/idonline.v17i69.3915

Comment

Inclusão da Criança Autista no Âmbito Escolar

*Laíza da Silva Vieira¹; Francisca Ivoneide Benicio Malaquias Alves¹;
Maricélia Félix Andrade Bringel¹*

Resumo: O principal objetivo deste trabalho é descrever a inclusão da criança com Transtorno do Espectro autista na escola. É uma pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico que busca falar sobre o espectro autista, e de que forma pode acontecer a inclusão desses alunos no ambiente escolar. Para tal finalidade, o trabalho busca também ressaltar a importância da parceria família e escola, visto que é algo que requer uma observação por parte de pais e professores, para que juntos possam observar as dificuldades de alunos com TEA (transtorno do espectro autista) para facilitar o processo de identificação do transtorno, e obter um diagnóstico precoce para o processo de inserção desses alunos em sala de aula. Visto que o diagnóstico precoce ajuda no processo de inclusão, pois facilita que o professor, que é o principal sujeito nesse processo, consiga atender cada criança de acordo com suas especificidades, na busca de proporcionar uma melhor aprendizagem; É essencial um olhar mais atento por parte do docente voltado para essas crianças, pois cada aluno possui sua necessidade, e esse olhar faz com que de fato aconteça a inclusão.

Palavras-chave: Autista, Inclusão, Ambiente.

Inclusion of Autistic Children in Schools

Abstract: The main objective of this work is to describe the inclusion of children with autism spectrum disorder in school. It is a qualitative and bibliographical research that seeks to talk about the autism spectrum, and how the inclusion of these students in the school environment can happen. To this end, the work also seeks to highlight the importance of family and school partnership, as it is something that requires observation by parents and teachers, so that together they can observe the difficulties of students with ASD (autism spectrum disorder) to facilitate the process of identifying the disorder and obtain an early diagnosis for the process of inserting these students into the classroom. Since early diagnosis helps in the inclusion process, as it makes it easier for the teacher, who is the main subject in this process, to be able to assist each child according to their specificities, in the search to provide better learning; A closer look on the part of the teacher focused on these children is essential, as each student has their own needs, and this look makes inclusion actually happen.

Keywords: Autistic, Inclusion, Environment.

¹ Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). Autora correspondente: vieiralaiza37@gmail.com.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo entender como ocorre à inclusão de crianças autistas no ambiente escolar e mostrar como o trabalho do professor pode auxiliar essas crianças no seu desempenho e interação social. E para isso, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica, com base em livros e artigos, como também uma pesquisa qualitativa realizada na Escola Municipal Glicério Parente de Sá, localizada na cidade de Terra Nova PE.

As instituições escolares estão cada vez mais repletas de crianças que apresentam alguma deficiência, distúrbio ou transtorno e conseqüentemente tem sua aprendizagem afetada. Com isso, se faz pertinente o diagnóstico e intervenção dos profissionais em diversos transtornos, que em ênfase será discutido o Transtorno do Espectro Autista, assunto esse que atualmente tem chamado a atenção de diversos profissionais, incluindo principalmente professores, psicólogos e psicopedagogos, que se deparam com o desafio de identificar e intervir, de forma a facilitar a aprendizagem e melhorar a qualidade de vida desses indivíduos. Segundo Silva et al (2012), a criança com TEA precisa ser investigada pelos profissionais de maneira criteriosa, “cada criança tem maior ou menor facilidade com alguma área”, e será nesse ponto que os profissionais irão desenvolver sessões a serem trabalhadas com a criança “sempre com o foco em avanços para outras etapas” (SILVA, 2012, p. 157).

O TEA, não pode ser detectável através de exames, uma vez que os problemas são visíveis somente no comportamento e desenvolvimento da criança, sendo assim, é indispensável entender a história do autismo, seus níveis e características, bem como, compreender como deve ser realizado o diagnóstico e intervenção, de forma a facilitar a vida da criança ou jovem com o transtorno.

O presente artigo tem como objetivo mostrar os desafios no processo de inclusão escolar de alunos com espectro autista e também como ocorre a adaptação desses alunos, corpo docente e gestão escolar. Assim como refletir quanto as dificuldades do professor na inclusão de alunos com autismo e ressaltar o papel da família e sua importância nesse processo de inclusão.

A metodologia do presente trabalho constituiu-se na busca de entender como acontece a inclusão do aluno com TEA no âmbito escolar, fundamentada em uma pesquisa qualitativa por meio de entrevista tendo como fonte uma pesquisa de cunho bibliográfico para que implementasse a construção e desenvolvimento do trabalho. Tal discussão é abordada

buscando observar o processo de inclusão do aluno autista e sobre como é desenvolvido o trabalho pedagógico. Além de falar da importância do diagnóstico precoce para que essas crianças possam ser incluídas e os profissionais da educação possam atendê-las de acordo com suas necessidades.

Diante disso, justifica-se que com a vasta evidência de crianças com autismo, é relevante discutir cada vez mais a necessidade do profissional que possa avaliar e intervir em situações em que o aluno apresente o transtorno. Dessa forma é importante o trabalho desse profissional no auxílio da criança com autismo.

Diante do exposto, indaga-se como é possível proporcionar a inclusão dessas crianças no âmbito escolar desde cedo? Nessa perspectiva, analisar e discutir tais questões, é fundamental para que indivíduos com TEA, tenham a devida assistência o mais rápido possível, através do olhar atento de profissionais que busquem junto a família a melhor forma de tornar a vida da criança proveitosa e capaz de desenvolver suas aprendizagens. Assim, é indiscutível o papel que o professor realiza no auxílio do diagnóstico e intervenção das crianças, uma vez que, utiliza testes e jogos capazes de avaliar e solucionar dificuldades afetivas, que conseqüentemente melhora na interação social, bem como, também utiliza essas ferramentas para melhorar a parte cognitiva, para conseqüentemente desenvolver a aprendizagem.

Com isso, é de extrema relevância entender as características envolvendo o espectro autista e assim o quanto antes buscar ajuda, principalmente de um psicopedagogo, profissional capaz de diagnosticar e intervir no desenvolvimento do autista. Assim, espera-se pela realização da pesquisa mostrar a importância do diagnóstico precoce, bem como, o papel indispensável do psicopedagogo.

Sendo assim, a pesquisa busca principalmente mostrar como o trabalho do professor pode auxiliar a criança autista no seu desempenho e interação social. Afinal, esse profissional é capaz de utilizar as mais diversas ferramentas para promover não apenas a aprendizagem, como também incluir o indivíduo na sociedade de forma a ser possível, como qualquer outro cidadão ingressar no mercado de trabalho, como também executar suas atividades diárias.

Concepção e História do Espectro Autista

Na sociedade atual repleta de informações acessíveis a todos, divulgadas através das novas mídias, principalmente as chamadas redes sociais, cada vez mais as pessoas têm acesso

aos mais diversos tipos de conhecimento, o que torna possível discutir assuntos que outrora eram totalmente desconhecidos, como o chamado Transtorno do Espectro Autista (TEA). Assim, hoje em dia, com o acesso a informação, cada vez mais as pessoas têm discutido sobre esse transtorno, que, aliás, tem atraído à atenção de especialistas no estudo e intervenção do desenvolvimento desses indivíduos.

O Transtorno do Espectro Autista é definido como um transtorno de origem desconhecida, em que os estudos apenas sugerem alterações no metabolismo, por isso, como o radical da palavra indica, auto significa próprio, característica que perfeitamente define o autista, que se apresenta como uma pessoa fechada no seu próprio mundo e por isso retrata dificuldades de interação social, como se as respostas do meio em que vive não fizessem sentido e, portanto adotam atitudes estranhas como: gestos repetitivos ou falta de consciência em relação a situações envolvendo perigo.

Assim, é preciso ficar atento aos primeiros anos de vida da criança e observar sinais como: se ao brincar utiliza os brinquedos de forma diferente, apresenta dificuldades em socializar com pessoas da mesma idade, choro ou risada inapropriadas, dificuldade na fala, sensibilidade a certos sons, etc, uma vez que quanto antes identificados esses sintomas, a criança será melhor acompanhada por profissionais, e possibilitará que tenha um melhor desenvolvimento de modo geral.

Para Cunha:

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (CUNHA, 2014, p. 68).

Segundo o autor, crianças com autismo são capazes de aprender assim como qualquer outra, o que diferencia são as formas com que essas crianças respondem aos estímulos, embora algumas apresentem maiores dificuldades, quando encontradas formas que facilite a aprendizagem do aluno, o mesmo mostrará mudanças positivas nas suas habilidades que irão gerar independência durante a sua vida.

O autismo apresenta uma maior incidência nos meninos do que em meninas, e apesar de não possuir uma causa comprovada, é apontado como suspeita fatores de origem genética ou problemas ocasionados durante a gravidez ou parto. Assim, conforme apontam as novas pesquisas, o autismo pode ser de ordem biológica, pois segundo Silva (2012, p. 10):

O autismo tem como causa fundamental as alterações genéticas, pesquisas apontam que sua origem está relacionada a um grupo de genes e da interação entre eles, e não a um único gene causador. Os estudos genéticos apontam o autismo dividido em dois grupos, o primeiro seria o autismo associado às síndromes genéticas, como a síndrome do X-frágil, a síndrome de Angelman, a esclerose tuberosa complexa, a fenilcetonúria, a síndrome de Down, entre outras. Outro grupo seria o do autismo idiopático, aqueles que não têm doença genética associada. (SILVA, pg.:10, 2012)

Sendo assim, é aconselhável que as gestantes tenham cuidado com medicamentos, álcool e bebida ingeridos durante a gestação, que venham a comprometer o bom desenvolvimento do bebê.

O transtorno foi discutido pela primeira vez nos estudos de Bleuler em 1911 e pelo psiquiatra infantil Leo Kanner, em 1943 e passou por várias definições até chegar a mais recente encontrada no DSM-V (2013), a principal foi a eliminação das categorias Autismo, síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo e Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação, passando a existir apenas uma denominação: Transtornos do Espectro Autista.

As crianças diagnosticados com TEA costumam ser abordadas com uma intervenção errada na família e na escola, uma vez que são tratados como incapazes de aprender, todavia isso ocorre pela ausência de profissionais qualificados, no caso mais especificamente a falta de um profissional, para realizar estimulações precoces e assim incluir o autista na escola, já que segundo Silva (2012, p. 20), “os primeiros sintomas do autismo manifestam-se necessariamente, antes dos 3 anos de idade, o que faz com que os profissionais da área da saúde busquem incessantemente o diagnóstico precoce”.

Com isso, é evidente a importância da intervenção de um profissional na vida da criança acometida com o distúrbio, contudo priorizando um atendimento afetuoso, para que ocorra progressos no desenvolvimento e aprendizagem do autista, para isso o profissional precisará ser capacitado o bastante para entender primeiramente que não existe idade certa para começar as primeiras manifestações do transtorno e também ficar atento a gravidade dos sintomas, pois existe desde casos leves, em que o indivíduo consegue manter suas relações sociais, até casos mais graves e que comprometem a linguagem e interação social.

Segundo nomes importantes da psicopedagogia como Alicia Fernández, Sara Paín, Jorge Visca e Weiss um dos métodos mais eficazes para se chegar a um diagnóstico satisfatório é a entrevista realizada na maioria das vezes com a família e o aprendente, o que permitirá conhecer o histórico familiar da criança e avaliar se existe algum fator emocional dificultando a aprendizagem. Uma das entrevistas mais utilizadas durante a investigação é proposta por

Jorge Visca, a chamada Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), que consiste em entregar ao paciente alguns materiais como folhas sem pauta, caneta, tesoura, régua, papel colorido para dobradura, etc, e em seguida o psicopedagogo utilizará a seguinte consigna: Gostaria que me mostrasse o que sabe fazer, o que têm lhe ensinado e o que tem aprendido.

Após o comando solicitado pelo profissional, a criança avaliada utilizará o material da forma que quiser, o que permitirá ao psicopedagogo identificar possíveis dificuldades, uma vez que na EOCA serão avaliados fatores como: se a criança organiza de forma correta os materiais, se a atividade sugerida gerou ansiedade, bem como, o interesse na hora de executar a atividade e o ritmo de execução, entre outros.

De acordo com Wess (2014) na hora de realizar o diagnóstico o lúdico, uma vez que é um excelente facilitador da interação da criança com o meio, com o outro e conseqüentemente com a aprendizagem.

Nesse processo de investigação pode ser utilizado brinquedos diversos e de acordo com o que se quer investigar, uma vez que o brincar facilita na observação de aspectos como cognição, afetividade, motricidade e socialização. Além de jogos, o psicopedagogo poderá realizar testes e provas para complementar aquilo que já foi relatado na queixa e que, portanto, já contém uma hipótese para nortear a conclusão do diagnóstico.

Portanto, caso o indivíduo seja diagnosticado com autismo, o primeiro passo a ser seguido pelos responsáveis são explicações detalhadas sobre o que é o TEA (Transtorno do Espectro Autista), quais suas características e principalmente o que deve ser feito para auxiliar a criança diante de suas limitações e comportamentos inadequados, que aliás esses comportamentos e limitações poderão ser reduzidos quanto antes tratados por diversos profissionais e com o uso de terapias.

Contudo, é importante que os pais tenham consciência que por ser um atraso no desenvolvimento, deverão procurar a intervenção o quanto antes, para amenizar as limitações, com ajuda de uma equipe multidisciplinar: psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, terapeuta ocupacional, entre outros.

Além disso, os pais com crianças diagnosticadas com autismo, precisam saber que o espectro varia de nível em cada indivíduo e, portanto, seu filho passará a ser analisado cuidadosamente e será submetido de acordo com suas necessidades por exames como tomografia do crânio, eletroencefalograma e exames de fezes e urina, que aliás nem sempre

poderão ocorrer de forma gratuita, já que alguns laboratórios credenciais não possuem especialistas capacitados para tratar o transtorno. Contudo, os pais jamais devem desistir de buscar ajuda de especialistas, bem como, se deixar levar por comentários maldosos de vizinhos ou de pessoas nas redes sociais.

Todavia, a luta de familiares pela devida assistência aos autistas é um movimento constante, em que buscam o devido amparo da legislação para garantir esses direitos. Um dos órgãos pioneiros no auxílio as genitoras de autistas é o (APADEM) criado em 1999 com o intuito de assegurar os direitos dos jovens com TEA.

Assim, diante de mães encorajadas a sempre buscar o melhor tratamento para seus filhos, atualmente os indivíduos com a síndrome têm a seu favor a Lei 12.764, de 2012, que institui a política dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, lei que leva o nome de Berenice Piana, nome da genitora responsável por lutar em prol de profissionais qualificados a tratar o transtorno, bem como, permitir a inclusão do indivíduo no espaço escolar.

A inclusão do espectro autista no âmbito escolar

Segundo Schimidt (2013) a inclusão escolar promove às crianças com TEA oportunidades de convivência com outras crianças da mesma idade, tornando-se um espaço de aprendizagem e desenvolvimento social. Possibilita-se o estímulo de suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Acredita-se que as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. A oportunidade de interação com pares é a base para o desenvolvimento de qualquer criança.

Portanto, cabe a todos, principalmente pais e professores analisarem as características e comportamento das crianças logo nos primeiros anos escolares, de forma a identificar e procurar assistência o quanto antes, pois apenas assim haverá a devida inclusão, uma vez que a escola é necessária para desenvolver o ser humano em todos os seus aspectos: cognitivos, afetivos e sociais. Para isso existe a lei Berenice Piana (12.764/12) que garante todos os direitos à inclusão no ensino regular, inclusive com direito a uma acompanhante na sala de aula, se for o caso.

No entanto, a história mostra que nem sempre houve a inclusão da comunidade autista em salas de aulas regulares, uma vez que em meados da década de 60 havia apenas a“

integração escolar”, em que estudantes tinham acesso às chamadas classes especiais, sem contudo, poder estudar na classe regular por entender que seriam incapazes de aprender no mesmo ritmo que os ditos “normais”. Então, diante da insatisfação das pessoas com esse termo, foi que em 1994 começou a realmente se falar em inclusão e o direito de uma educação igualitária para todos, sobretudo a partir da criação da Declaração Salamanca (1994). De acordo com a BNCC (2017) “soma-se aos propósitos que direcionam a Educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2017, p.7)

Estudantes com TEA e demais transtornos ou quaisquer deficiência são agrupados como “especiais”, em decorrência de suas limitações e dificuldades de aprendizagem e portanto necessitam que as escolas se adaptem a recebê-los no ensino regular, inclusive com a organização de salas especializadas para os estudantes ditos como “especiais”, é a chamada sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE); tudo voltado para a socialização do estudante, de forma a facilitar sua autonomia, conforme as palavras de Cunha a respeito da importância da educação especial:

O ensino especial é inclusivo quando se ocupa da autonomia do aluno e o capacita para o ensino regular, para a vida familiar e para a vida social. Dessa forma, o ensino cumpre seu papel quando atende à diversidade discente com equidade, sem preconceitos, observando as especificidades de cada indivíduo, buscando sua formação integral. (CUNHA, 2013, p. 38)

Com isso, percebe-se que a luta de mães como Berenice Piana, fazem valer movimentos e causas por todo o país em busca de melhorar a qualidade de vida dos autista, como exemplo merece destaque as ações desenvolvidas pela AMA (Associação de Amigos do Autista), criada em 1983 em São Paulo por pais de autistas, com o intuito de alcançar o tratamento adequado para o espectro.

Com isso, é perceptível o papel que a escola desempenha na integração dos estudantes com necessidades especiais. No caso do autista o desafio requer ainda mais o olhar atento de todos, já que se apresenta em diversos níveis, conforme afirma Menezes:

Autismo clássico: pessoas que apresentam a grande maioria ou a totalidade das áreas do desenvolvimento afetadas de forma significativa; Autismo de alto funcionamento: pessoas que apresentam as características do autismo, no entanto com capacidade de memorização notadamente acima da média [...] Transtorno do espectro autista (TEA): termo utilizado para se referir a pessoas que apresentam diferentes variações de autismo, com um leque de

gravidade no conjunto de sintomas [...] Autismo infantil: crianças que apresentam inaptidão para estabelecer relações normais com o outro, atraso na aquisição da linguagem sem valor comunicativo [...] Transtornos invasivos do desenvolvimento: pessoas com autismo, e também transtornos desintegrativos, Síndrome de Rett e Síndrome de Asperger. (MENEZES, 2012, p. 39).

Então, é perceptível que a intensidade do autismo varia de acordo com o grau do comprometimento relacionado à linguagem, interação e aspectos sensoriais; aspectos esses que podem ser identificados quando a criança já está maior e na maioria das vezes se manifestam com mais evidência na fase escolar ou podem se manifestar logo nos primeiros meses de vida, quando o bebê por exemplo recusa o leite materno.

O atraso na busca de um diagnóstico ocorre principalmente devido ao preconceito, principalmente por parte dos familiares e como consequência uma das principais características identificadas em meninos e meninas maiores estão relacionadas ao atraso na fala ou ao aspecto sensorial, em que ocorrem episódios de extremo estresse e euforia, sendo crianças agitadas e impulsivas.

Metodologia

A metodologia utilizada na busca do objetivo pretendido foi fundamentada em uma pesquisa bibliográfica que de acordo com Andrade (2010): “A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas” a nossa pesquisa teve como base livros e artigos. Foram realizadas entrevistas com duas professoras que atuam com crianças autistas, e com a gestora de uma escola pública da rede municipal, na cidade de Terra Nova, PE.

Resultados e Discussão

De acordo com a entrevista realizada com as professoras e gestora, na escola Municipal Glicério Parente de Sá observou-se os trabalhos pedagógicos e seus posicionamentos em relação as crianças autistas que atuam. As professoras afirmaram que no início existiu certa dificuldade de interação e inclusão com esses alunos por não possuírem formação específica para lidar com crianças autistas, porém, as experiências pedagógicas

facilitaram o processo, visto que ambas procuram conhecer esses alunos e seus interesses para que aconteça a inclusão.

Ambas afirmaram que utilizam diferentes tipos de materiais pedagógicos para adaptação desses alunos com necessidades educacionais especiais. Quanto à gestão, a gestora afirmou que são muitas as dificuldades no processo de inclusão das crianças atípicas, em específico as que têm autismo, pois a rotina dessas crianças precisa estar alinhada com a escola.

A gestora afirma que a equipe docente ainda é carente de estudos de aprofundamento nesta área, porém a escola busca incluir essas crianças dentro de suas possibilidades, adequando os currículos quando necessário e buscando parceria com a Secretaria de Educação do município de Terra Nova, PE.

Dessa forma, observa-se que a criança com autismo no âmbito escolar deve ser vista com um olhar mais amplo e acolhedor, visto que o processo de inclusão desses alunos necessita de recursos pedagógicos que englobe suas especificidades para que a inclusão aconteça da forma que deve ser, pois as escolas ainda são carentes de profissionais capacitados para lidar com essas crianças. Uma vez que não há formação voltada para essa necessidade, percebe-se que cada vez mais o número de alunos com necessidades educacionais especiais vem aumentando e falta profissionais preparados para fazer a inclusão acontecer de verdade.

Considerações Finais

Esta pesquisa buscou pontuar e falar sobre a inclusão de alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) nas escolas, enfatizando como cada vez mais as instituições escolares estão repletas de crianças que apresentam algum distúrbio, transtorno ou deficiência. A presente temática escolhida para o desenvolvimento da pesquisa é de fundamental importância tanto no contexto profissional como social, pois aborda sobre a quantidade de alunos que apresentam algum transtorno e sobre a importância de se buscar por profissionais da educação qualificados para que possam olhar para esses alunos de uma forma que possibilite aos mesmos uma melhor aprendizagem.

Diante disso, este trabalho objetivou mostrar como acontece o processo de inclusão escolar destes alunos com autismo, bem como verificar de que maneira ocorre a adaptação dos alunos, participação professores nesse processo e toda a gestão escolar. Foi ressaltado no trabalho a importância de identificar de forma precoce os sinais e sintomas do Transtorno do

Espectro Autista para que as intervenções possam ser realizadas na criança logo nos primeiros anos de vida, como também desde o início da sua vida escolar, para assim haver a devida inclusão destas crianças, uma vez que a escola é indispensável para o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos: cognitivos, afetivos e sociais.

Durante a elaboração do trabalho, foi visto que o autismo, apesar de ser definido como um transtorno de origem desconhecida, pode implicar muitas vezes em crianças com dificuldades de interação social, dependendo do seu grau, por isso o quanto antes for identificado os sintomas, melhor será para a criança, uma vez que a mesma poderá ter um acompanhamento e monitoramento constante, facilitando sua vida, visto que o autismo não apresenta cura, toda via o tratamento correto, com os profissionais corretos, podem tornar sua vida muito mais fácil.

Desta forma, conclui-se ao ponderar e discutir sobre o assunto apresentado nesse trabalho, que é de fundamental importância o diagnóstico precoce de crianças com transtorno do Espectro Autista, para que desde cedo essas crianças sejam incluídas cada vez mais no ambiente escolar, e para que a mesma almeje acima de tudo, a aprendizagem, potencialidades e o desenvolvimento de suas habilidades

Referências

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BRASIL. Lei Federal no 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. Institui a **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 28 dez. 2012.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 04 de julho de 2023.

COUTINHO, A. A. et al. **DO DSM-I AO DSM-5: Efeitos Do Diagnóstico Psiquiátrico “Espectro Autista” Sobre Pais E Crianças**. 2013. Disponível em: <http://psicanaliseautismoesaudepublica.wordpress.com/2013/04/11/do-dsm-> Acesso em: 04 de maio de 2023.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Psicologia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: WAK, 2014.

FONSECA, M. E. G; CIOLA, Juliana de Cássia Baptistella. **Vejo e Aprendo: fundamentos do Programa TEACCH: o ensino estruturado para pessoas com autismo**. 2 ed. Ribeirão Preto: Book Toy, 2016.

LEON, V. C. **Práticas baseadas em experiências para a aplicação do TEACCH nos Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2016.

MENEZES, A. R. S. **Inclusão Escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende**. Dissertação de mestrado apresentado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva. Livro Mentem únicas. 2012.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

VIEIRA, Laíza da Silva; ALVES, Francisca Ivoneide Benicio Malaquias; BRINGEL, Maricélia Félix Andrade. Inclusão da Criança Autista no Âmbito Escolar. **Id on Line Rev. Psic.**, Dezembro/2023, vol.17, n.69, p.168-179, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 13/10/2023; Aceito 28/10/2023; Publicado em: 30/12/2023.